

## Representações meméticas de “nós e eles”: humor e discurso de ódio em chats do Telegram

Rosana Silva Moore Wedderburn<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0001-6839-8762

Juciane Pereira de Jesus<sup>2</sup>

ORCID: 0000-0001-9090-1993

Graziela de Souza Teixeira<sup>3</sup>

ORCID: 0009-0001-0931-3359

Leonardo Fernandes Nascimento<sup>4</sup>

ORCID: 0000-0003-2929-1115

Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino<sup>5</sup>

ORCID: 0000-0001-7360-0320

Tarssio Brito Barreto<sup>6</sup>

ORCID: 0000-0002-2067-3849

<sup>1</sup> Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2007), mestrado (2012) e doutorado (2019) pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro e pesquisadora do Laboratório de Humanidades Digitais (LABHDUFBA). melzana@dmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2546352728913607>.

<sup>2</sup> Licenciada em Ciências Sociais (2022) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), estudante de graduação em Sociologia (UFBA) e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFBA). Membro e pesquisadora do Laboratório de Humanidades Digitais (LABHDUFBA). jhucy.pereira@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7683949127842338>.

<sup>3</sup> Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2019, atual). Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP (1998) e pós-graduação em Administração Contábil e Financeira pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (2000). Membro e pesquisadora do Laboratório de Humanidades Digitais (LABHDUFBA). grazistx@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0850030058375383>.

<sup>4</sup> Graduação em psicologia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2002), mestrado em sociologia pela Universidade de São Paulo - USP (2007) e doutorado em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP/UERJ (2013). Coordenador do Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA (LABHDUFBA). leofn3@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7141811368487014>.

<sup>5</sup> Professora Adjunta no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Assessora Especial em Educação e Cultura em Direitos Humanos no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Membro do International Panel on the Information Environment (IPIE). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004), mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (2006), e doutorado em Antropologia pela Universidade da Califórnia em Berkeley (2013). Membro e pesquisadora do Laboratório de Humanidades Digitais (LABHDUFBA). leticia.cesarino@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9096178929138897>.

<sup>6</sup> Cientista de dados pela BIT Analytics. Mestre em Meio Ambiente Águas e Saneamento - UFBA (2018). Graduado em Engenharia Sanitária e Ambiental pela Universidade Federal da Bahia (2015). Membro e pesquisador do Laboratório de Humanidades Digitais (LABHDUFBA). tarsioesa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8314700954142455>.

**Resumo:** O objetivo deste estudo é analisar as narrativas e representações nos discursos de ódio presentes em 17 chats (grupos) brasileiros do Telegram, por meio da observação e análise de imagens e memes compartilhados nesses espaços virtuais que tendem a utilizar o humor para normalizar ou naturalizar determinadas formas de violências, para isso foi utilizado uma combinação de técnicas computacionais e abordagens sócio-antropológicas. Além disso, pretende-se investigar como esses grupos constroem a ideia de “nós x eles” ou do “outro” nessas interações online. Examinamos o Telegram como um ambiente propenso à violência online, destacando sua história de uso por grupos extremistas e a facilidade de disseminação de conteúdos violentos devido às suas políticas de moderação menos restritivas. A metodologia adotada envolve a análise do ecossistema multiplataforma de desinformação e radicalização, utilizando a vigilância como método. A seleção dos chats foi realizada por meio da modelagem da tipologia dos grupos. Os resultados revelam a presença predominante de discursos sexistas, misóginos, racistas e antisemitas, refletindo a construção de uma imagem do “bem” e do “mal” no ambiente virtual e de como a disseminação de imagens e memes pode contribuir para a perpetuação de preconceitos e discriminações nesses ambientes. O artigo destaca a importância do Telegram como um espaço propício à violência online e ressalta a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre o papel da Internet na radicalização e no extremismo contemporâneos e fornece insights para uma reflexão mais ampla sobre a importância da conscientização e combate ao discurso de ódio nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Humor. Racismo. Discurso de ódio. Memes. Telegram

**Resumen:** El objetivo de este estudio es analizar las narrativas y representaciones en los discursos de odio presentes en 17 chats (grupos) brasileños de Telegram, a través de la observación y análisis de imágenes y memes compartidos en estos espacios virtuales que tienden a utilizar el humor para normalizar o naturalizar determinadas formas de violencia. Para ello, se utilizó una combinación de técnicas computacionales y enfoques socio-antropológicos. Además, se pretende investigar cómo estos grupos construyen la idea de “nosotros vs ellos” o del “otro” en estas interacciones en línea. Examinamos Telegram como un ambiente propenso a la violencia en línea, destacando su historia de uso por parte de grupos extremistas y la facilidad de difusión de contenidos violentos debido a sus políticas de moderación menos restrictivas. La metodología adoptada involucra el análisis del ecosistema multiplataforma de desinformación y radicalización, utilizando la vigilancia como método. La selección de los chats se realizó mediante la modelación de la tipología de los grupos. Los resultados revelan la presencia predominante de discursos sexistas, misóginos, racistas y antisemitas, reflejando la construcción de una imagen del “bien” y del “mal” en el ambiente virtual y cómo la difusión de imágenes y memes puede contribuir a la perpetuación de prejuicios y discriminaciones en estos ambientes. El artículo destaca la importancia de Telegram como un espacio propicio para la violencia en línea y subraya la necesidad de investigaciones más profundas sobre el papel de Internet en la radicalización y el extremismo contemporáneos, proporcionando perspectivas para una reflexión más amplia sobre la importancia de la concienciación y el combate al discurso de odio en las redes sociales.

**Palabras clave:** Humor. Racismo. Discurso de odio. Memes. Telegram.

**Abstract:** The objective of this study is to analyze the narratives and representations in hate speech present in 17 Brazilian Telegram chats (groups), through the observation and analysis of images and memes shared in these virtual spaces that tend to use humor to normalize or naturalize certain forms of violence. For this purpose, a combination of computational techniques and socio-anthropological approaches was used. Additionally, it aims to investigate how these groups construct the idea of “us vs. them” or the “other” in these online interactions. We examine Telegram as an environment prone to online violence, highlighting its history of use by extremist groups and the ease of dissemination of violent content due to its less restrictive moderation policies. The methodology adopted involves the analysis of the multi-platform ecosystem of disinformation and radicalization, using surveillance as a method. The selection of chats was carried out through modeling the typology of groups. The results reveal the predominant presence of sexist, misogynistic, racist, and anti-Semitic discourses, reflecting the construction of an image of “good” and “evil” in the virtual environment and how the dissemination of images and memes can contribute to the perpetuation of prejudices and discriminations in these environments. The article emphasizes the importance of Telegram as a conducive space for online violence and underscores the need for further research on the role of the Internet in contemporary radicalization and extremism, providing insights for a broader reflection on the importance of awareness and combating hate speech on social media.

**Keywords:** Humor. Racism. Hate speech. Memes. Telegram.

## Apresentação

Em um conhecido ensaio sobre o significado do cômico, o filósofo francês Henri Bergson sublinha que “o nosso riso é sempre o riso de um grupo” (Bergson, 1983, p. 8), isto nos sugere, segundo o historiador Peter Gay que “assim como cada cultura tem sua neurose favorita, tem também seus impulsos favoritos de achar graça” (Gay, 1995, p. 372). Em termos sociológicos, isto nos remete à especificidade social deste fenômeno. Assim, nós podemos situar o humor em um eixo diacrônico, onde o seu objeto ou alvo varia ao longo do tempo. E, por outro lado, um eixo sincrônico: as diferentes sociedades, classes sociais, gêneros e grupos etários constroem ou possuem inclinações para o humor totalmente diferenciadas.

O humor também pode revelar como o poder se divide socialmente, servindo como uma forma de “elucidação de normas grupais ou como negociação e manutenção de noções de realidade compartilhadas” (Powell; Paton, 1988, p. 93). Deste modo, quer consideremos formalmente - através da comédia, dos programas de TV etc - ou informalmente - em nossas interações cotidianas - o uso social do humor serve para as elites reforçarem seus preconceitos através de um exercício de dominação (Powell; Paton, 1988, p. 100). Por outro lado, o humor também pode servir como uma “arte de resistência” para grupos subordinados enquanto crítica ao poder e estruturas de opressão<sup>7</sup>.

O artigo analisa o uso do humor em mensagens compartilhadas em chats (grupos) da plataforma Telegram<sup>8</sup>. Todas as postagens possuem um alvo ou direcionamento comum: são imagens e mensagens que ridicularizam e inferiorizam pessoas pretas, pardas, mulheres, judeus e pessoas LGBTQIAPN+. Uma vez que as mensagens incorporam uma cultura de violência política através do humor,

<sup>7</sup> Nesse sentido, como podemos interpretar os rumores, as fofocas, os contos populares, as canções, os gestos, as piadas e o teatro dos impotentes como veículos pelos quais, entre outras coisas, eles insinuam uma crítica ao poder enquanto se escondem atrás do anonimato ou atrás de entendimentos inócuos de sua conduta. (Scott, 2008, p. 13)

<sup>8</sup> O Telegram é uma plataforma de comunicação amplamente utilizada em todo o mundo que permite a troca de mensagens de forma rápida e fácil. Foi criado em 2013 pelos irmãos russos Pavel e Nikolai Durov e em 2023 a plataforma contava com cerca de 800 milhões de usuários espalhados pelo mundo. Grandes comunidades podem se comunicar entre si através da criação ou participação em grupos. Estes grupos podem ser privados, limitando a participação apenas a membros convidados, ou públicos, permitindo que qualquer pessoa entre na conversa. Em segundo lugar, o Telegram também oferece a funcionalidade de “canais” de mensagens, nos quais o dono do canal pode enviar mensagens para um público. Os participantes dos canais não podem interagir entre si nem com o conteúdo do canal, tornando os canais do Telegram uma ferramenta de transmissão

nós partiremos da ideia de que o discurso de ódio e humor se entrelaçam para compor uma delimitação de fronteira antagonística entre “nós e eles”. O “Nós” deste recorte é entendido enquanto uma identidade coletiva associada aos signos da pureza e virtude concatenados na ideia do “ser branco” como sendo de ordem superior. “Eles” seriam todos os “outros” colocados em oposição a essa identidade, associados a signos de hierarquias, impureza, desumanização e desordem.

Na primeira parte do artigo, nós apresentamos uma discussão sobre incorporação de memes como forma de propaganda política da extrema direita mundial, sublinhando a instrumentalização do humor como tática para a disseminação de ódio nas redes sociais. Na seção seguinte, descrevemos as abordagens metodológicas empregadas para a análise dos chats, que combinam técnicas computacionais com interpretações qualitativas dos dados. Em seguida, discutimos os memes tendo em vista a delimitação de fronteiras “nós” e “eles” considerando os elementos estéticos enquanto dotados de uma narrativa simbólica. Na seção final, delimitamos a origem deste tipo de humor em uma cultura de *chans* originadas no contexto estadunidense no seio da *Alt-Right*, classificado como *lulz*, que seria um estilo de humor caracterizado pela normalização da ofensa e da discriminação, em oposição ao politicamente correto.

## **Memes como representações festivas do discurso de ódio**

Os memes<sup>9</sup> constituem uma parte significativa das subculturas da internet. Trata-se de uma forma de comunicação nativa da internet que floresceu a partir dos anos 2000. Atualmente, os memes encarnam um emergente campo de estudos na comunicação e nas ciências sociais (Chagas, 2021). Ross e Rivers (2017) destacam os memes como elementos culturais digitais que ocupam um lugar significativo no contexto da linguagem, sociedade, cultura popular, ciência da comunicação e tecnologias digitais. Por outro lado, Wiggins e Bowers (2015) definem os memes como artefatos da cultura digital participativa, ressaltando a interação ativa dos públicos na rearticulação e assimilação da cultura popular.

<sup>9</sup> A palavra meme apareceu pela primeira vez no trabalho do biólogo Richard Dawkins em seu livro “*O gene egoísta*” ([1976] 2006). Ele propõe que um meme é um análogo cultural de um gene biológico, atuando como uma unidade de cultura capaz de se propagar e manter-se em um ecossistema social específico. Assim como os genes, os memes estão sujeitos a alterações e podem combinar-se com outros memes para formar unidades culturais mais complexas; se propagam de pessoa para pessoa por meio de imitação ou cópia. Assim como os genes, os memes estariam sujeitos a processos de variação, competição, seleção e retenção.

Quanto à forma de composição, os memes encarnam combinações de imagens, textos e vídeos, criando significados e representações originais. Tal forma de comunicação tem sido bem-sucedida, pois ela consegue suplantar os imperativos de alta rotatividade da economia de atenção online (Chagas, 2021; Phillips, 2019), subsumindo representações complexas em apenas uma imagem. Combinando humor e sátira com nuances de ambiguidade, os memes foram rapidamente apropriados pela extrema direita mundial e instrumentalizados como facilitadores para a disseminação de ideologias de extrema direita, para o compartilhamento de ideais de supremacia racial, racismo, nacionalismo, sexismo e misoginia (Bogerts; Fielitz, 2018; Miller-Idriss, 2018; Phillips, 2019).

Para fins de exemplificação, chamamos a atenção para a conhecida apropriação do personagem *Pepe the Frog* pela *Alt-Right* norte-americana dentro do contexto da campanha presidencial de Donald Trump em 2016. A transformação do personagem em um símbolo da extrema direita foi um recurso que permitiu a ampliação daquela propaganda política. Ademais, as adaptações e releituras aplicadas ao personagem, com expressões faciais que apresentam um misto de indiferença e apatia, foram primordiais na normalização de atitudes hostis contra minorias sociais (Miller-Idriss, 2018). De modo geral, as características nas montagens meméticas misturam elementos de comédia e sátira, ao mesmo tempo em que avançam processos simbólicos de desumanização de grupos sociais.

O uso de memes como método de propaganda política, fundamentado em elementos das subculturas da internet, além de observado e analisado no contexto da extrema direita estadunidense com a *Alt-Right*, pode ser identificado também no contexto europeu, com destaque para o caso da Alemanha com o grupo *Reconquista Germanica* (Bogerts; Fielitz, 2018), sobretudo em épocas de campanhas eleitorais. No Brasil, esse fenômeno foi observado de forma mais demarcada na eleição presidencial de 2018, com a adoção de táticas participativas de propaganda política, com a disseminação de memes por parte do eleitorado do presidenciável Jair Messias Bolsonaro (PSL), possivelmente coordenados de forma indireta por equipes táticas em grupos de Whatsapp (Cesarino, 2020).

A “mimetização das campanhas eleitorais” é apenas um dos usos atuais que se faz dos memes. Enquanto veículos capazes de expressar, de forma sucinta, aspectos de uma determinada visão de mundo (Bogerts; Fielitz, 2018), e portanto, veículos de transmissão de uma determinada cultura política, os memes têm sido

utilizados por grupos de extrema direita para disseminar sua visão de mundo de forma ampla, constante e sem fronteiras no mundo digital. Esse foi o aspecto que nos chamou a atenção e resultou neste artigo.

Embora tenhamos observado em nossa base de dados uma multiplicidade de memes cujas legendas estão em inglês, portanto memes exportados mas que comungam, partilham e traduzem uma visão de mundo comum, encontramos a fabricação original de memes como a apropriação do personagem Dollynho em construções meméticas com as mesmas características gerais de *Pepe the Frog*. Assim, o meme Dollynho apresenta um caráter de produção original, demonstrando a leitura feita pela extrema direita brasileira, influenciada pela cultura do *lulz* (May; Feldman, 2019), sobre determinadas pessoas e grupos sociais identificados como seus inimigos.

De forma geral, de lá e de cá, a maior parte dos memes encontrados nos grupos analisados apresentam aspectos de assimilação da cultura política da extrema direita ocidental (Estados Unidos e Europa), com a reprodução de pautas afeitas a esses contextos, como racismo, anti-imigração, islamofobia e antissemismo. Analisando especificamente o contexto brasileiro, ganham destaque memes que veiculam sobremaneira mensagens de misoginia e racismo, e dos dois de forma sobreposta.

Nesse sentido, como veículos de transmissão de ideias, os memes não existem fora dos eventos, práticas e textos em que aparece; portanto é sempre experimentado como informação codificada (Shifman, 2013). Nessa perspectiva, os memes podem ser lidos como unidades concretas de conteúdo e como tal permitem uma análise empírica das ideias que carregam em suas mensagens, vídeos e imagens, sobretudo em um contexto onde as plataformas digitais permitem a fácil criação e manipulação de conteúdo (Jenkins, 2006; Kuipers, 2002). A análise de conteúdo deste trabalho segue nessa direção.



### Fronteiras borradas: humor e Discurso nas redes sociais

Em diferentes campos de interesse, estudos de memes disseminados nos meios digitais têm revelado distintas formas de expressão de violência por trás de formas de humor aparentemente inofensivas ou expressamente discriminatórias. Em todo o mundo o discurso de ódio tem ganhado cada vez mais espaço e amplitude na esteira das redes sociais e plataformas digitais, no Brasil essa realidade não é diferente (Dossiê da Intolerância, 2016).

Os usuários que promovem a circulação de discurso de ódio por meios de memes, imagens, vídeos, GIFs ignoram que a circulação poderá causar danos à pessoa retratada na imagem, e muito menos refletem sobre como esses conteúdos impactam nos grupos sociais representados, de modo particular, e na sociedade, de modo geral. A disseminação de memes e outros conteúdos virais pode gerar ansiedade, transtornos, medo e desajustamento nas pessoas ou grupos sociais envolvidos.

Muitas vezes, os memes compartilhados de forma irresponsável podem levar à estigmatização, bullying e discriminação. No mundo digital os memes são importantes veículos de externalização do ódio e de propagação do discurso de ódio disfarçados de humor e essa relação tem sido pouco explorada no âmbito das pesquisas acadêmicas no Brasil.

Na literatura muitas vezes encontraremos os termos crime de ódio, incidentes de ódio e discurso de ódio como intercambiáveis, e nessa mesma literatura há um consenso limitado sobre como definir comportamentos motivados pelo ódio. Juridicamente a questão foi abordada no ordenamento de vários países, por exemplo, Austrália, Canadá, Rússia, Dinamarca, França, Alemanha, Índia, Israel, Argentina, Uruguai, Holanda, África do Sul, Sri Lanka, Inglaterra e Estados Unidos (Brugger, 2007; Coliver *et al.*, 1992; Sarmiento, 2006).

Para alguns autores, o discurso de ódio abrange todos os comportamentos perniciosos motivados pelo ódio, isso inclui comportamentos regulados ou não pelo direito penal e civil (Chakraborti, Garland, 2015; Hardy, 2019; Silva *et al.*, 2011); inclui atos criminosos e não criminosos ou ilícitos e não ilícitos (Sadique; Tange; Perowne, 2018; Silva *et al.*, 2011).

Assim, de modo geral, podemos afirmar que discurso de ódio são manifestações verbais ou não-verbais de discriminação, preconceitos, insultos,

ataques a uma pessoa ou grupo com base na sua raça, cor, etnia, religião, gênero, classe social, nacionalidade ou outro fator de identidade (Silva *et al.*, 2011; Strossen, 2020; Trindade, 2022). Reunindo essas compreensões Silva *et al.* (2011, p. 450) define discurso de ódio como:

o discurso de ódio será considerado manifestação discriminatória externalizada, que abrange os atos de discriminar e de instigar a discriminação contra determinado grupo de pessoas que possuem uma característica em comum. Seus efeitos atingem a dignidade de um grupo, não só de um indivíduo que dele faça parte. Conforme a incidência de norma legal, esse discurso pode ser configurado como ilícito. De forma ampla, tratar-se-á dele como conteúdo prejudicial, por causar prejuízo aos direitos fundamentais daqueles a quem refere.

Com base nessa contribuição, em resumo, o discurso de ódio tem como elementos básicos a discriminação e a externalidade, baseia-se na dicotomia superior (emissor do ódio) e inferior (alvo do ódio) e passa a existir quando extrapola as fronteiras do pensamento e é dado ao conhecimento de outrem. Além disso, o discurso de ódio fere a dignidade da pessoa humana, característica essencial do homem individual e coletivamente considerado (Silva *et al.*, 2011). Essa compreensão orienta as análises expressas neste trabalho.

Racismo, sexismo, misoginia, ataques às minorias têm sido as formas mais comuns de captura dos discursos de ódio em diversas sociedades e culturas. De modo geral, essas violências assinaladas aqui, desenroladas no mundo digital estão inteiramente articuladas com formas de violências experienciadas pelos grupos-alvos em seus respectivos cotidianos e que estruturalmente marca a vida de mulheres, LGBTQIAPN+, negros, pobres, periféricos, jovens, etc. É extensa a literatura que ilumina o lugar de centralidade do racismo como elemento estruturante das desigualdades sociais no Brasil<sup>10</sup>

<sup>10</sup> VER: Paixão (2005, 2020); Rios (2014); Rocha (2014); Silva (2017); Wedderburn (2019).

### Racismo e discurso de ódio

Os ódios veiculados pela extrema direita não são epifenômenos ditados por exigências ou contextos políticos, nem de caráter epocal, e muito menos circunscrito a qualquer região geográfica. Assim, a extrema direita acaba sendo um dos principais veículos político e emocional de propagação e perpetuação da violência que inclui o racismo, a misoginia, a homofobia o antissemitismo e outras formas de discriminação, que na sua essência divide o mundo em “nós” e “eles”.

O “nós” é delineado como os cidadãos mais desejáveis, legais e patrióticos. Esta mentalidade de “nós/eles” identifica grupos da população considerados “dignos” e “indignos”, sendo os primeiros aqueles a quem se reserva os plenos benefícios de cidadania e a todos os outros reservado um estatuto inferior. Assim, a análise interseccional é possível para compreender a violência digital porque esta está assentada sobre uma variedade de repertórios de nós/eles que são interseccionalmente constituídos e propagam uma interseccionalidade de ódio (Collins; Bilge, 2021) que atinge o alvo do ódio de distintos modos.

A compreensão de que a estigmatização on-line do outro é interseccional foi bem discutida no trabalho de (Harmer; Lumsden, 2019) onde examinam a construção e a prática de abusos online, como os perpetrados pela extrema direita e pelos grupos masculinistas, ambos bem mapeados nas nossas bases de dados.

Estamos considerando que a experiência de socialização offline influencia a experiência social online, e vice-versa. O racismo e as condutas racistas de hierarquização e inferiorização com base em critérios raciais tornam-se um bom exemplo dessa relação. Frantz Fanon (2008) já havia localizado, a partir das experiências coloniais, mecanismos racializados de polarização em relação aos povos negros. Segundo Fanon: “[a] inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia”, acrescentando em seguida que “precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (grifo do autor, p. 90).

Assim, segundo Fanon, tanto a inferiorização quanto o sentimento de superioridade são construções socioculturais impostas na colonização e não uma essência humana: “O branco incita-se a assumir a condição de ser humano (p. 27) e, na relação entre branco e negro, “O branco está fechado na sua brancura. O negro na sua negrura.” (p. 27). Assim, para Fanon (2008), o corpo negro produz pouca ou quase nenhuma empatia fora de seu mundo. Aos olhos do branco,

diz Fanon, o negro não tem “resistência ontológica” (p. 104). No contexto de nossa análise, essa realidade pode ser lida como um processo de desumanização (Kelman; Hamilton, 1989) que podem reforçar estereótipos negativos contra as pessoas negras.

Analisando a representação do “outro”, significa dizer que o negro está aprisionado à negrura, ou ao seu esquema epidérmico que o desumaniza e ao desumanizá-lo o coloca fora da zona de cidadania (Fanon, 2008; Vargas; Amparo Alves, 2010). Nessa encruzilhada da opressão as vítimas têm os princípios fundamentais da convivência social como os da igualdade e da dignidade humana violados e seus direitos fundamentais atingidos, de maneira que o discurso de ódio contra esse segmento contribui ainda mais para aprofundamento de desigualdades sociais econômicas e políticas.

O discurso de ódio no mundo virtual não se limita a manifestações diretas de intolerância, discriminação e preconceito, mas também pode se manifestar de forma mais sutil, por meio do sarcasmo e zombaria (Yu; Noonark; Chung, 2021). O racismo nas redes sociais, a exemplo do WhatsApp na Espanha, não é praticado apenas por “maus atores”; é amplamente sustentado e reproduzido por práticas cotidianas aparentemente inocentes, como memes e piadas (Matamoros-Fernández, 2020).

Trindade (2022) e Moreira (2019) assinalam como os discursos de ódio no Brasil estão no racismo à brasileira, que, fundamentado na “democracia racial” e na ideologia do branqueamento, encontra-se profundamente enraizado no imaginário coletivo, o que torna naturalizadas manifestações racistas e preconceituosas, muitas vezes disfarçadas em piadas depreciativas, sendo a mulher negra o alvo principal. Quando as mulheres são as principais vítimas da violência digital, a literatura destaca conteúdo de humilhação, insultos, estereótipos, chantagem, objetificação. Além da disseminação de conteúdos íntimos e ameaças, muitas delas de cunho sexual (Valente *et al.*, 2016; Valente, 2023).

## Desenho metodológico da pesquisa

O discurso de ódio no Brasil tem crescido de forma alarmante nas redes sociais nos últimos anos<sup>11</sup>. Desde 2021, os autores deste artigo têm se dedicado à análise dos processos de radicalização política, desinformação, discurso de ódio e violência online através do Telegram. A pesquisa permitiu observar a utilização sistemática e estratégica de ferramentas, tecnologias e serviços que possibilitam a criação e disseminação de desinformação e estratégias de radicalização política em diferentes plataformas, como redes sociais, sites de notícias e aplicativos de mensagens, incluindo o Telegram. Estes resultados foram conceitualmente definidos pelos autores como ecossistema multiplataforma de desinformação e radicalização.

A equipe de especialistas em ciência e engenharia de dados da pesquisa desenvolveu uma solução em Python para lidar com a API<sup>12</sup> do Telegram. Essa solução permite coletar dados em formatos variados, como áudio, texto, vídeo e imagem, em tempo real, armazenando-os em servidores e indexando-os por meio da plataforma ELK Stack<sup>13</sup>. Utilizando o Kibana, foram elaborados conjuntos de dashboards que permitem aos analistas da pesquisa interpretar os dados sem a necessidade de conhecimento aprofundado em linguagens de programação.

Assim, foi possível adotar a vigilância-como-método, que consiste na utilização de métodos computacionais para extrair e coletar grandes conjuntos de dados de postagens, comentários e perfis em tempo real (Topinka; Finlayson; Osborne-Carey, 2021). Esse método tem sido crucial para a análise mais detalhada e precisa dos padrões de comportamento e interações que ocorrem nas plataformas digitais, a exemplo dos fenômenos de desinformação e radicalização política no

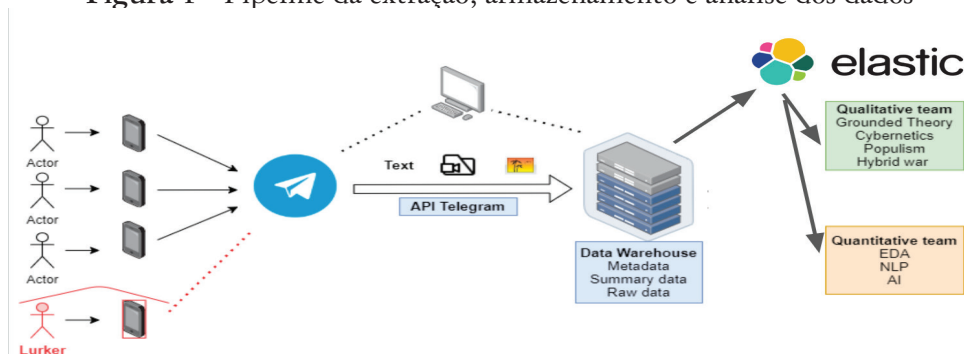
<sup>11</sup> Entre os anos 2017 e 2022, a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, da Safernet, recebeu um total de 293.289 denúncias de crime de ódio. É preocupante observar que apologia a crimes contra a vida, misoginia e racismo responderam por 63% das denúncias no período analisado, respectivamente 26% (76.132), 25% (74.341) e 16% (45.643). Entretanto, misoginia foi o tipo de notícia crime de ódio que mais cresceu entre 2017 e 2022, passando de 961 para 28.679 denúncias.

<sup>12</sup> API, ou “interface de programação de aplicações”, é um conjunto de regras e definições que permite que diferentes softwares se comuniquem. Imagine que API seria um garçom em um restaurante: assim como um garçom transmite seu pedido para a cozinha e depois traz sua comida, uma API permite que um software peça informações de outro e receba a resposta de volta. Isso é crucial para integrar diferentes sistemas e permitir que eles trabalhem juntos de forma eficiente.

<sup>13</sup> O ELK Stack é uma combinação de três projetos de código aberto — Elasticsearch, Logstash e Kibana — que juntos oferecem uma solução completa para o armazenamento, pesquisa, análise e visualização de dados em tempo real. O Elasticsearch é um motor de busca e análise, o Logstash é utilizado para processamento de dados e agregação, e o Kibana facilita a visualização e exploração dos dados indexados no Elasticsearch.

ambiente online do Telegram (Fonseca; Ribeiro; Nascimento, 2022; Nascimento; Cesarino; Fonseca, 2020; Nascimento *et al.*, 2022, 2021).

Figura 1 - Pipeline da extração, armazenamento e análise dos dados



Fonte: Elaborado pelos autores

Em termos éticos, o nosso perfil do Telegram presente nos diferentes grupos analisados assumiu a posição de “lurker”, ou seja, nenhum tipo de interação e/ou produção de conteúdo foi realizado. Além disso, não houve declaração explícita por parte dos pesquisadores de sua presença nos grupos e os dados coletados foram usados exclusivamente para fins de pesquisa científica. Este tipo de procedimento já ocorreu em investigações anteriores, por exemplo em mercados ilícitos online (Ferguson, 2017) e com comunidades estigmatizadas (Barratt; Maddox, 2016).

149

### Classificação, seleção e perfil dos grupos

A classificação e seleção dos grupos é fruto de um trabalho coletivo da equipe qualitativa do Grupo de Pesquisa. Trabalhamos durante meses na classificação de uma base de dados de 383 grupos de extrema direita do Telegram. Essa classificação se baseou na coleta de metadados dos grupos, como nome, período de atividade, número de postagens (texto, imagens, vídeos), autodescrição, temas discutidos, dentre outros elementos.

O trabalho de criação de tipologias dos grupos em nossa base de dados é essencial para organizar, mapear e analisar as discussões desenvolvidas nesses grupos. Contudo, categorizar o conteúdo de um grupo em pautas morais, por exemplo, não exclui a presença de discursos de ódio contra indivíduos, grupos ou minorias ou mesmo debates sobre temas de saúde, conspiracionismo ou patriotismo ao mesmo tempo. A partir dessa classificação identificamos 17 grupos que focavam em temas controversos debatidos ou disseminados com hostilidade, ataques, incitação à violência, hostilização, insultos explícitos contra pessoas,

grupos/minorias, a exemplo de manifestações variadas com características jocosas, discriminatórias, insultantes, de desprezo, ofensas e irônicas contra a imigração, pessoas negras, mulheres, judeus ou em defesa da supremacia racial. Diante desse perfil mapeado, atribuímos a esses grupos a tipologia grupos de discurso de ódio.

Os dados aqui analisados são oriundos de 17 grupos do Telegram de um total de 383 grupos em nossa base de dados. Foram coletados os seguintes metadados entre 01 de outubro de 2019 e 31 de dezembro de 2023: total de 2.484.139 mensagens, 80.326 imagens e 11.323 vídeos foram compartilhados, e um total de 22.700 usuários publicaram nos grupos.

No momento da classificação qualitativa dos grupos, tomando como marco o ano de 2016 até o dia 30 de setembro de 2023, dos 17 grupos, 12 grupos estavam inativos, que significa que estavam a mais de um mês sem novas publicações; 3 grupos estavam ativos, o que significa que tinham postagens até o dia 30 de setembro de 2023 e 2 grupos foram classificados como zumbi, o que significa que tinham publicações que datavam em menos de um mês, porém, com mais de uma semana em relação a data de referência, 30 de setembro de 2023. Todos os grupos eram públicos quando os dados foram coletados.

O trabalho foi orientado pela teoria fundamentada nos dados (Charmaz, 2009). Para fazer o mapeamento das temáticas, formas, signos e símbolos discutidos e compartilhados nesses grupos, foram construídas *queries* enquanto ferramentas metodológicas de análise, com atenção a linguagem e os termos nativos utilizados pelos membros dos grupos. *Queries* são utilizadas para trazer os dados em termos de relevância, ou seja, o que mais corresponder a consulta que você fez, retornará em um resultado baseado em *score*. Dessa maneira, foi levantado os léxicos que orientaram os achados e análises da pesquisa.

Em razão do nosso limite de espaço, apresentamos apenas um de nossos quadros de *queries* cujo resultado nos permite explorar a interseccionalidade entre racismo e gênero.

**Quadro 1.** Query racismo e mulheres

Racismo - Mulheres
all_text : mulata* or corzinha or funkeira* or macaca* or parda or pardas or favelada* or negona* or neguinha* or nega or negas or negra* or negrinha* or preta* or pretinha*

Fonte: Elaborado pelos autores

A aplicação das *queries* retornaram insultos e ataques como os dos exemplos a seguir:

Você é um pretuda mulambo beijudo do cuzinho roxado 1kg do seu beijo de mulata eu conseguiria fazer um kit de couro Tu tem descendência de negroides africanos sua mulatuda Nariz de garrafa pet Teu cu é roxo sua mulata cabelo de bucha fibra verde Tu é negra africanoidepuroTehumilheisuumacacudamaisumnegrohumilhado, bota na conta KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK (Mensagem postada 22 Agp, 2022. Base de dados da Pesquisa)

Considerando que o trabalho de tipologia já havia nos apresentado o substrato principal do que era discutido nesses grupos, o nosso investimento posterior foi para identificar quem eram os enunciadores e os alvos dessas violências. Assim, buscamos identificar no conjunto dos 17 grupos as categorias “nós” (quem fala, o que fala, quais os valores e como se autorrepresenta ou define) e “eles”/“outros” (de quem se fala, os alvos, quem são, como são retratados). Entre as postagens em texto, vídeo, imagens, memes este último chamou bastante a nossa atenção pelo caráter ora evidente, ora dissimulado da violência expressa nos conteúdos meméticos fantasiados de humor. As imagens, apresentadas a seguir, resumem bem quem são os alvos dos discursos de ódio, disfarçadas de humor, propagadas pelos grupos analisados.



**Imagem 1:** postada em 19 de setembro de 2022 (grupo HellBoy - Chat, grupo inativo. Base de dados da Pesquisa). Mensagem que acompanha a imagem: “Bandeira oficial do Bostil”, esta foi a segunda imagem mais compartilhada na base de dados analisada, 483 compartilhamentos, enquanto a primeira imagem mais compartilhada teve 663 compartilhamentos, no contexto do segundo turno das eleições presidenciais do ano de 2022.



**Imagem 2:** postada em 05 de junho de 2021 (grupo Ação Falangista Brasileira, grupo inativo. Base de dados da Pesquisa)



Dos 17 grupos analisados, 09 referem-se à especificamente à expressão “humor negro” para definir o tipo de conteúdo que circula no grupo.

Interessante como esse canal é mais novo que muitos canais e já tem tantos membros. Esse canal é um dos mais puro sangue que existe na misoginia, humor negro, conservadorismo, liberalismo econômico, libertarianismo e etc... Apesar de já ter alguns mods petistas. (Data da postagem 11 Set, 2021. Base de dados da Pesquisa)

É importante destacar que os grupos não são especificamente grupos de “humor negro”, mas a qualidade do humor irônico, jocoso, com base na aversão, repulsa, discriminação e ódio está presente em todos os grupos analisados. A exemplo do Grupo 1ª e 2ª GUERRA MUNDIAL †† Colapsos e Cruzadas ††††† voltado ao revisionismo histórico.

Esse grupo, por exemplo, defende a supremacia racial branca, nega a existência do holocausto judeu e retrata Hitler como exemplo de figura moral, política e masculina a ser seguida. Para os membros do grupo, Hitler é uma fiel representação do poder branco.

## Nós e eles em grupos de discurso de ódio no Telegram

A partir da análise das imagens e conteúdo das mensagens observados dentro dos grupos verifica-se um padrão recorrente de autoafirmação a partir da utilização de elementos antagonísticos e, ao mesmo tempo, de superioridade em relação ao que seria classificado como “outro”. Marcadores sociais de gênero, raça e classe, expressões de racismo, xenofobia interna contra pessoas do nordeste, misoginia e antissemitismo, são empregados para sustentar as oposições hierárquicas entre “nós” e “eles”.

Na chave de análise fanoniana, a inferiorização é o correlato nativo da superiorização, esta última representada pela figura do homem branco, europeu, heteronormativo como modelo moral, ético e estético a ser seguido: o bom cidadão patriota. De forma comum, apresenta-se em todos os grupos a assimilação de ideias de pureza racial, crítica à miscigenação e hierarquização racial com base em critérios biológicos.

Não. Não existe uma raça homogênea predominante aqui tampouco uma cultura fruto dessa hegemonia. O Brasil vai ter que aprender a conviver com miscigenação (mas não incentivar), se adaptar e re-educar as raças mais inferiores como os negros degenerados e

apagar qualquer traço de cultura negrista desse país. O projeto da Itália Fascista e Alemanha Nazi era criar uma raça ideal. Como não podemos nos dar à esse [sic]luxo, teremos que fazer um tipo de “cultura ideal”. Eu até defenderia o integralismo se não fosse pelo fato deles ignorarem o conceito de raça e apoiarem a miscigenação, etc. (Data da postagem 14 mar, 2020. Base de dados da Pesquisa)

Realidades como essas nos obrigam a olhar com a devida atenção para como as tecnologias digitais podem impulsionar ou impulsionam movimentos sociais progressistas que promovem agendas e solidariedades interseccionais, ao mesmo tempo que podem/estimulam movimentos populistas de extrema direita que cooptam pessoas por meio de plataformas digitais e visões racistas, sexistas e homofóbicas. Essas violências, importante ressaltar, não devem ser lidas ou explicadas como patologias individuais cometidas por pessoas isoladas escondidas atrás de uma tela (Collins e Bilge, 2021).

Pelo contrário, essas violências chamam a atenção para os “padrões estruturados de violência” (Collins; Bilge, 2021, p. 154) em contexto de normalização do supremacismo branco e da violência direcionada a determinados sujeitos sociais. Essas violências são baseadas numa variedade de repertórios de nós/ eles, interseccionalmente constituídos, que desqualifica, desumaniza e, por fim, quer fazer fisicamente desaparecer o “outro”. Levado ao extremo, torna-se similar ao fascismo em que “[...] judeus foram projetados como o parasita cosmopolita infiltrado no seio da nação, os socialistas eram o espelho da degeneração do próprio povo alemão” (Cesarino, 2022, p. 168).

A discriminação e a externalidade, baseada na dicotomia superior e inferior, fica bem expressa nas ilustrações/definições do “nós”: o homem branco, tradicional, protetor, provedor, dedicado a família (branca). As citações a seguir ilustram bem a autopercepção de si em oposição aos “outros”:

A raça branca é a mais linda da espécie humana, a mais inteligente, a mais pacífica, a mais civilizada. Os brancos são os filhos de Deus mais próximos do pai celestial, a raça mais perfeita e evoluída, nem todo mundo admite, mas essa é a verdade, por isso todo mundo quer uma mulher/homem branco, seja índio, negro, asiático, todos querem que seus filhos tenham um pouco do sangue real, e é por isso que (((eles))) querem destruir os brancos da face da terra, eles são a sinagoga de sataná e assim como seu pai, odeiam tudo de bom e agradável que Deus criou.

(Mensagem postada em 17 abr, 2023. Base de dados da Pesquisa)

Uma característica desse processo a ser considerada é que a construção do “nós x eles” se dá reforçando, sobretudo, a oposição / assimetria / hierarquia, bem resumida no pensamento de Cesarino (2022) e nas imagens 3 e 4 :

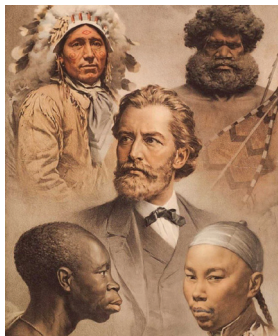
Assim, se o ocidental quer se ver como civilizado, democrático e livre, seus outros – povos orientais, seu próprio passado medieval etc. – são projetados como bárbaros, autoritários e violentos. Se o ocidental se vê como puritano, projeta os outros como hipersexualizados (a odalisca, o harém, o imigrante estuprador). Se, pelo contrário, seus desígnios imperialistas assumem uma forma liberal, ele projeta uma mulher oriental oprimida que deve ser salva do apedrejamento e da burca. Da mesma forma, se o branco se vê como racional e iluminado, o indígena ou africano é projetado como inferior e imaturo. Se ele quer se ver como libertado da natureza, projeta o outro (o primitivo, a mulher, a criança, o louco) como preso a ela. Se, pelo contrário, o europeu de verve romântica vê sua própria sociedade como corrupta e decadente, projeta seu passado medieval como glorioso, ou o indígena do Novo Mundo como inocente e puro. (Cesarino, 2022, p. 217–218).

**Imagem 3:** postada em 17 de julho de 2022 (grupo Politicamente Incorreto (/pol/ terceira posição antijudaísmo nazismo fascismo nacionalismo), grupo inativo. Base de dados da Pesquisa).



Legenda da imagem: “Branços VS Pretos”

**Imagem 4:** Foto do Grupo, acompanhada da seguinte descrição:  
 “O principal enfoque do canal é o revisionismo histórico e estudos sobre raças. Além desses, o canal também aborda debates sobre política, filosofia, genética, antropologia, geografia, biologia e artes. Entretanto, existem regras que devem ser seguidas para permanecer no grupo, sendo a principal delas não ser negro. Se você for, esteja ciente de que pode ser alvo de racismo por parte dos membros do grupo. A fim de permanecer no canal, é importante não ter uma inclinação política progressistas. [...]”



(Descrição do Grupo História **H**istória, **P**olitica, **F**ilosofia, **G**enetica, **A**ntropologia, **g**eografia, Base de dados da Pesquisa).

O conteúdo das mensagens e das imagens que circulam nesses grupos mostram certas características exageradas aumentando o contraste da beleza e da feiura, do desenvolvido e do subdesenvolvido, do letrado, e do iletrado, dos científicos e do senso comum, da cultura e do estado de natureza, luz-sombra, pureza-impureza, brancos-negros etc.

Segundo Mary Douglas ([1966] 2014), para criar uma aparência de ordem, é necessário exagerar a diferença entre dentro-fora, cima-baixo, masculino-feminino, com-contra ([1966] 2014, p. 8), o que ela chama de supersistematização. Cesarino (2022) reforça a ideia de que “o próprio corpo é um símbolo estruturante do metacódigo puro-impuro em inúmeras culturas humanas, se não em todas” (p. 213). Nesse sentido, destaca-se o exagero / supersistematização como forma de implementar a ordem, no caso dos grupos analisados, da superioridade racial, como expresso nas imagens 5 e 6.



**Imagem 5:** postada em 02 de agosto de 2020 (grupo Politicamente Incorreto (/pol/ terceira posição antijudaísmo nazismo fascismo nacionalismo), grupo inativo. Base de dados da Pesquisa)

**Imagem 6:** postada em 24 de janeiro de 2021, (grupo Politicamente Incorreto (/pol/ terceira posição antijudaísmo nazismo fascismo nacionalismo), grupo inativo. Base de dados da Pesquisa). Legenda da imagem: “Escolha SABIAMENTE Redpill: desperte, eles querem genocidar nossa raça e impor a miscigenação. Bluepill: faça um filho com uma preta”.

Embora outras violências estejam presentes nesses grupos, todas elas são, de um modo ou de outro, atravessadas pelo racismo. Naquilo que toca o racismo contra pessoas negras, o argumento de Fanon (2008) sobre o impacto do racismo na relação entre o “Eu” e o “Outro” é extremamente relevante e pertinente para este trabalho. Ele elucida que ao quebrar a possibilidade de uma relação dialética entre essas duas entidades, o racismo mina a base da vida ética e moral em prejuízo das pessoas negras.

A partir desse argumento, é de se supor que as pessoas que são alvo de discriminação racial tornam-se vulneráveis a todo tipo de abuso e violência, pois são desumanizadas e despojadas de sua dignidade. A história violenta do racismo e da escravidão é um testemunho claro desse fenômeno, e a defesa dessa hierarquização reforça a licença para cometer atrocidades contra indivíduos racializados, sendo ao mesmo tempo aceita e até mesmo encorajada com um zelo sádico (Gordon, 2008; Moore, 2007).

Há muito de sadismo nos memes compartilhados nos grupos. É abundante postagem de memes relacionados aos corpos desses “outros” exagerando características físicas, por meio de caricaturas e reforçando estereótipos relacionados à sujeira, impurezas e de feiura em contraposição às imagens dos corpos associados

ao “nós”: belo. A promiscuidade é assunto recorrente quando se refere às mulheres e à comunidade LGBTQIAPN+. Assim, por meio do simbólico, essas noções de higiene e saúde ligadas ao corpo individual passam a se confundir com o corpo social (Cesarino, 2022, p. 215). É muito comum nessas mensagens e imagens um apelo à defesa das crianças vistas como sendo submetidas ao perigo da diversidade.



A circulação de conteúdos deste tipo favorece a criação de um meio social onde o outro passa a ser visto como “uma ameaça existencial [...], aquele que pode tomar meu lugar”, e não apenas como parte de fora de determinado grupo ao qual pertence (Cesarino, 2022, p. 216). Infelizmente a história é repleta de exemplos de como esses processos de expurgos ocorrem como o fascismo e nazismo históricos, pautado por ideais eugenistas.

O que observa-se é um discurso que reforça o outro como “desumanizados ao ponto de justificar sua eliminação simbólica e/ou física como única saída para a crise [...]” (Cesarino, 2022, p. 167). Na base de dados analisada, por exemplo, é comum a expressão “Tem que matar [...]”. O desejo expresso é de impor a morte ao inimigo. O ódio expresso nessa formulação dirige-se às pessoas trans, mulheres, comunistas, imigrantes, judeus, pobres, negros. Impor a morte a todos os inimigos comuns é bem exemplificado nesse recorte: “Tem que matar tudo que está no lado inimigo e continua se mexendo” (mensagem postada em 2 Mai, 2023. Grupo inativo. Base de dados da Pesquisa).

Fanon (2008) nos diz que “a desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o homem em algum lugar. Consiste, ainda hoje, em organizar

racionalmente essa desumanização” (2008, p. 190). Nessa mesma linha de análise destacamos como a animalização, demonização e desumanização do “outro” ganha destaque entre os dados. Nas imagens que circulam nesses grupos, estão organizadas de modo que o “outro” é comumente representado com tons de monstruosidade, periculosidade, deformidades e que remetem a algum tipo de degeneração, partes do corpo ampliadas ou diminuídas deixando-nas desproporcionais.

A violência nesses grupos direcionadas às pessoas/grupos/minorias sociais é puro entretenimento para seus membros. Os adjetivos mais comuns para se referir às mulheres são: *vadia*, *vacas*, *piranhas*, *depósito de espermas*, *depósito*, *depósito de porra*, *gostosa*, *depravada*, *vagabunda*, *promíscua*, *puta*. Uma rápida busca em nossa base de dados pela *querie: all\_text : vadia or vagabunda or prostituta or gostosa* retornam os seguintes dados relacionados aos 17 grupos analisados: 15 dos 17 grupos analisados tinham mensagens com essas palavras chaves; 4.841 mensagens foram coletadas com esses termos; 1.532 membros publicaram mensagens utilizando um ou mais desses termos.

As especificidades são identificadas nos ataques às feministas, mulheres trans, às mulheres brancas que tem o destaque do pertencimento racial quando identificadas como traidoras entre os brancos por se relacionarem com homens negros.

É comum contrapor as mulheres pardas, consideradas mais atraentes, com as mulheres pretas, vistas como as mais feias, ambas em oposição ao padrão de beleza idealizado e desejável associado à mulher branca. As mulheres pardas são hipersexualizadas enquanto as pretas são retratadas como não sexualizadas, embora ambas sejam muitas vezes retratadas como prostitutas. Circulam imagens e mensagens que se referem às partes íntimas das mulheres negras como sujas, asquerosas, associadas na maioria das vezes à sua animalização, como vemos na imagem 9 a seguir.

**Imagem 9:** postada em 17 de abril de 2023.

Legenda da imagem: “Contribuam com a solidão da mulher orangotango, evitem pardas e negras. Pra quem não sabe, a AIDS veio do macaco. Não façam zoofilia @ muiekkkk” (Politicamente Incorreto (/pol/ terceira posição antijudaísmo nazismo fascismo nacionalismo), grupo inativo. Base de dados da Pesquisa)



Então, o que vemos, é que a violência contra as mulheres é tomada como entretenimento e amplamente estimulada. A misoginia, o racismo e a discriminação social por classe se entrelaçam de maneira complexa na forma como as mulheres em geral, e as mulheres negras em particular, são representadas dentro desses grupos. A formulação de Lélia Gonzalez de que os “[...] negros [estão] na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação [...] A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural” (Gonzalez, 1984, p. 226), expressa de forma contundente a posição marginalizada que as mulheres negras ocupam na sociedade brasileira.

Essa realidade é agravada pela percepção generalizada nesses grupos de que o racismo é algo natural e incontestável. A interseccionalidade dessas formas de discurso de ódio cria um ambiente no qual as mulheres negras enfrentam desafios únicos e sistemáticos, que afetam não apenas suas oportunidades, mas também sua dignidade e bem-estar.

### **Cultura dos chans nos grupos de discurso de ódio no Telegram**

Ao analisar os grupos do Telegram de extrema direita que compõem a categoria de discurso de ódio em nossa base de dados, é perceptível a convergência destes grupos em termos de organização e caldo cultural, com a cultura dos *chans*, os *imageboards* nos quais a extrema direita norte-americana e europeia, majoritariamente falantes da língua inglesa na internet, têm se organizado desde o início dos anos 2000 (Phillips, 2019).



Os *imageboards* apresentam uma interface rudimentar, desenhada para ser repulsiva para o usuário comum da internet, esses espaços colaborativos se articulam perante uma cultura coletiva de anonimização (Topinka, 2018; Velho; Montardo, 2022), ou seja, compreendem fóruns anônimos de discussão, nos quais os usuários podem fazer postagens nos *boards* referentes aos assuntos de interesse.

Esses *boards* reúnem diversos temas, como cultura, cinema, fotografia, até temas de teor político, também apresentam o fórum /b/, no qual temáticas aleatórias podem ser postadas, é geralmente nesses espaços que os conteúdos de teor mais ofensivo estão situados (Velho; Montardo, 2022).

Notadamente, mesmo tendo surgido no Japão no final dos anos 1990 (Velho; Montardo, 2022), os *chans* se tornaram bastante populares nos países de língua inglesa, especificamente nos Estados Unidos, e se espalharam pelo mundo a partir deste país. Esses fóruns de discussão são o lugar preferencial de organização da extrema direita estadunidense, e foram neles que a emergente *Alt-Right* se tornou conhecida nos meados dos anos 2016, com a campanha vitoriosa do republicano Donald Trump à presidência da república dos Estados Unidos (Tuters, 2019).

Os usuários desses espaços colaborativos, desenvolveram uma identidade que se opõe à cultura individualista das plataformas de redes sociais. Desta forma, se veem como uma massa de anônimos (Tuters, 2019) e repugnam qualquer tipo de senso de individualismo recorrente nas redes sociais, especificamente Instagram e Facebook. A cultura fomentada nesses espaços, corrobora para o compartilhamento de valores misóginos, uma vez que apesar de anônimos, os *chans* representam um espaço exclusivo para a interação de homens entre outros homens. Combinada a uma concepção exacerbada da liberdade de expressão, que culmina em uma formulação própria do humor, resumida no termo `Lulz`.

Os pesquisadores Rob May e Matthew Feldman (May; Feldman, 2019, p. 26) caracterizam `Lulz` como uma corruptela do LOL = *Laugh out loud*, traduzido como rir em voz alta em português, essa expressão é comumente utilizada no contexto das redes sociais, sempre que os usuários imersos nessa cultura de massas da internet, acham algo muito engraçado. Ao contrário deste uso, `Lulz` representa uma concepção nativa do humor nessa cultura de *chan*, na qual aquilo que é considerado motivo de riso é uma perversão do senso de humor comum. Nesse sentido, o `Lulz`, é experienciado a partir de um senso de humor ofensivo, contrário ao que consideram como politicamente correto, e calcado no “humor negro”.

No entanto, apesar de ofensivo, o `Lulz` providencia uma espécie de distanciamento do objeto que é a fonte do riso, pois é contextualizado de forma irônica, assim, esta tática fornece uma linha de ambiguidade útil para capturar a atenção de usuários não propriamente “iniciados” neste mundo de ironia, ofensas e ódio (May; Feldman, 2019, p. 27). Desta forma, articula a expansão dos limites estipulados pelo “politicamente correto” e possibilita a normalização de temas repulsivos no senso comum liberal, como por exemplo, a propagação de símbolos neonazistas em forma de meme.

Outro termo comum neste léxico é o *larping*, que no português é traduzido para larpar. *Larping* é um termo próprio da cultura de videogame, mas especificamente jogos de RPG = *Role Playing Game*, nos quais os fãs de determinados jogos de videogame personificam seus personagens preferidos. Na cultura de *chans* esse termo foi assimilado para representar uma espécie de “encenação”, feita pelo gozo do `Lulz`, ou seja, a representação de ideias fascistas ou neonazistas nas redes sociais, como se fosse um jogo de cena para irritar os liberais “just for the lulz”.

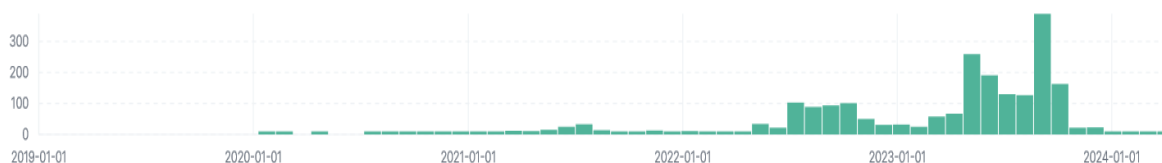
Esta explicação oferece aos envolvidos uma desculpa cômoda se e quando as coisas se descontrolarem. Baseia-se na crença central de que “a Internet é um negócio sério”, um slogan irônico cujo significado é o seu oposto, ou seja, que a Internet não é um negócio sério e que qualquer pessoa que pense o contrário deve ser corrigida e é, essencialmente, indigna de pena (Tuters, 2019, p. 38)<sup>14</sup>.

A convergência da cultura de *chan* nos grupos de discurso de ódio do Telegram de extrema direita, é percebida no compartilhamento de valores misóginos e no léxico popularizado pela *Alt-Right*, o qual inaugura uma tática de propaganda política imersa em referências da cultura pop, que são utilizadas para popularizar e normalizar ideologias de supremacia racial. Esse compartilhamento pode ser inferido em nossa base, ao realizar uma busca de palavras-chave que contém termos referenciais desta cultura.

<sup>14</sup> This explanation offers those involved with a convenient excuse if and when things get out of hand. It is based on the core belief that “teh Internet is serious business”, an ironic slogan whose meaning is its opposite, which is to say that the internet is not serious business, and anyone who thinks otherwise should be corrected and is, essentially, undeserving of pity (Tuters, 2019, p. 38).

query: text: lulz or text: larp\*

Gráfico 1 - Total de 2.224 hits coletados de 01 jan. 2019 até 14 abr. 2024



(Fonte: Elaborado pelos autores)

Essa busca resultou em 2.224 hits nos grupos, ou seja, valores positivos que correspondem a esses termos. Esse resultado é representativo, especificamente, dos grupos de discurso de ódio entre janeiro de 2019 a abril de 2024. Esses grupos são minoritários em nossa base de dados composta de mais de 1000 canais e 400 grupos do Telegram. As primeiras menções dos termos do léxico da *Alt-Right* são percebidas em 2020 nos grupos, sendo que os termos se tornam mais frequentes entre 2021 a 2023, com picos em 2023.

Abaixo os top 5 grupos da base dos 17 grupos de discurso de ódio nos quais esse léxico foi encontrado. A convergência dos temas sugere a apropriação de termos próprios da extrema direita norte-americana, e adaptação do léxico às questões brasileiras.

Quadro 2 - Top 5 grupos que mais utilizaram o léxico da *Alt-Right*

Grupo	Postagens
Aurora de Aço	1.078
HellBoy - Chat	329
Politicamente Incorreto (/pol/terceira posição antijudaísmo nazismo fascismo nacionalismo)	257
Ciência Racial (Grupo)	153
RN PILL chat	103
Outros	304

(Fonte: Elaborado pelos autores)

A seguir alguns exemplos de como esse léxico é empregado:

Eu iria arrumar qualquer desculpa pra tirar foto do lado dela e dizer: Tô aqui com a mulher do cu preto. Kakkakakaka Lembro o dia que vazei o telefone dessa piranha na kek e foi puro lulz. Me pergunto se ela mudou de número já (chat\_id: -1001625194563 Hellboy - chat - Mar 19, 2023 @ 16:40:52.000).

Se no mínimo vc não matar ela depois da foda não tem nada lulz (chat\_id -1001625194563 Hellboy- chat Mar 10, 2023 @ 21:39:04.000).

Eu já usei nome e foto de perfil do Che Guevara por Larp (chat\_id: -1001762776999 Aurora de aço - chat Aug 30, 2023 @ 23:52:57.000).

Se você tira conclusões ideológicas por larp posso fazer nd (chat\_id: -1001762776999 Aurora de aço - chat Oct 6, 2023 @ 18:56:25.000).

As associações presentes nas citações nos permitem concluir que os termos foram assimilados ao léxico da extrema direita brasileira, e são usados no sentido similar ao empregado originalmente pela *Alt-Right* nos *chans*. Desta forma, assim como no contexto dos Estados Unidos, demonstra-se o emprego da ambiguidade, e do humor irônico e ofensivo como forma de avançar na expansão das terminologias aceitáveis no discurso público, que termina por normalizar práticas, termos e concepções ofensivas, particularmente em relação às minorias sociais. A seguir apresentaremos a instrumentalização deste tipo de humor no contexto brasileiro, a partir da composição de memes com o Dollynho.

### Dollynho Opressor

Dollynho é o mascote de uma marca de refrigerantes nacionais, o Dolly Guaraná, fundada pelo empresário Laerte Codonho em 1987<sup>15</sup>. Os comerciais com o Dollynho foram primeiramente veiculados na TV brasileira nos anos 2000, nos quais trazem o personagem Dollynho, que se apresenta como “seu amiguinho”, em uma voz infantilizada. Os comerciais são produzidos com tecnologia CGI, o que dá para o personagem expressões faciais estáticas, paralisadas em um sorriso.

Por suposto, as características faciais do personagem, assim como a sua representação como um personagem inocente, ao mesmo tempo popular, o tornaram em um candidato interessante para a produção de memes. Os memes com o Dollynho podem ser encontrados em qualquer mídia social, Facebook, Twitter, Instagram, onde se encontram páginas dedicadas à produção de memes do Dollynho. No Telegram, encontramos a utilização do personagem para a reverberação de estereótipos que reproduzem a visão de mundo da extrema direita brasileira.

<sup>15</sup> DOLLY (REFRIGERANTE). In: WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Dolly\\_\(refrigerante\)&oldid=67404860](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Dolly_(refrigerante)&oldid=67404860). Acesso em: 28 abr. 2024.

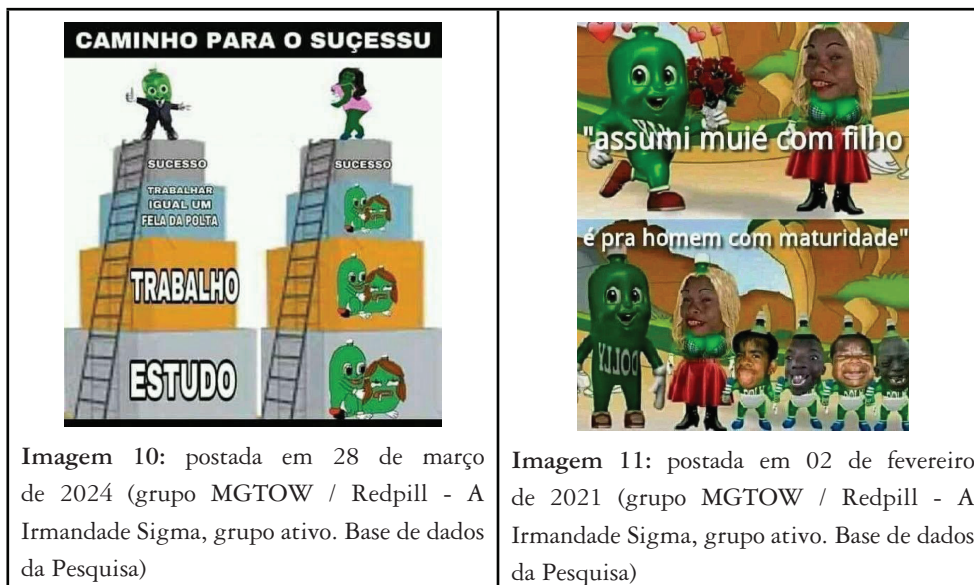


Imagem 10: postada em 28 de março de 2024 (grupo MGTOW / Redpill - A Irmandade Sigma, grupo ativo. Base de dados da Pesquisa)

Imagem 11: postada em 02 de fevereiro de 2021 (grupo MGTOW / Redpill - A Irmandade Sigma, grupo ativo. Base de dados da Pesquisa)

Os casos mais comuns encontrados com o meme do Dollynho nesse contexto, foi sua utilização para a reverberação de construções misóginas, machistas e racistas. Nos dois casos representados nas imagens, é explícito o subtexto do personagem feminino, enquanto um arquétipo manipulador e aproveitador da figura masculina. Na primeira imagem ambos os personagens, masculino e feminino, são apresentados sob a roupagem antropomorfizada do refrigerante Dolly, ambos empreendem uma escalada para o sucesso. No caso do homem o sucesso é alcançado por meio do trabalho duro, esforço e estudo. No da mulher é alcançado por meio do uso deliberado da sua sexualidade, enquanto figura atraente, seduzindo os homens no processo, até alcançar o sucesso. Ou seja, o subtexto é que a mulher usa o homem como degrau para o seu sucesso, enquanto o sucesso do homem é meritocrático.

Na segunda imagem temos a representação da figura masculina no Dollynho, e da feminina em uma caricatura de uma mulher negra com vários filhos. O subtexto é que a mulher com vários filhos, busca um homem “otário”, para bancar a sua vida de luxos e sustentar seus filhos. Novamente o homem aparece como figura instrumentalizada pelo interesse feminino, que se aproveita de sua “boa índole”, para ter uma vida fácil. A mulher é representada como uma figura promíscua e aproveitadora, pois não consegue conter a sua líbido sexual e se entrega a diferentes parceiros sexuais. Por fim, essa representação ainda contém uma camada de racismo, pois mulher e filhos são representados de forma caricatural, especificamente às crianças, que são apresentadas com traços negroides exagerados.

Em outros memes encontramos estereótipos culturais, regionais e raciais, com representações de nordestinos e mulheres. Os estereótipos trazem associações negativas com gêneros musicais próprios da cultura negra, como o funk, retratado como uma música de menor qualidade. O nordestino geralmente é apresentado como um ser promíscuo, pouco inteligente e relacionado a contextos de sujeira e precariedade, o que contrasta com a xenofobia interna. Por fim, a mulher é representada de forma geral na personagem da Dollynete, nas quais estão presentes montagens machistas e misóginas, para além das representações contrastadas aqui, onde especificamente é apresentado o estereótipo da mulher aproveitadora.



Além das representações associadas ao contexto brasileiro, encontramos nos memes do Dollynho reverberações com a extrema direita internacional com a normalização “festiva” do nazifascismo. É recorrente a identificação com esses símbolos nos grupos analisados, desta forma, a junção desses símbolos com o Dollynho representa uma estratégia para diluir a violência representada por estas ideologias políticas.

De maneira geral, essas construções meméticas exprimem a instrumentalização do meme como facilitador de uma cultura de extrema direita (Phillips, 2019), com o emprego da sátira e elementos humorísticos. Os

arquétipos apresentados são nativos da visão de mundo de grupos masculinistas/*redpill*, no entanto, essas concepções estão disseminadas no imaginário da extrema direita nacional e internacional. Especificamente, a adoção de elementos racializados na segunda e terceira imagens, inferem esta representação em um contexto brasileiro. Além disso, a desfiguração das representações humanas são artifícios que possibilitam o distanciamento com a figura que está sendo desumanizada, sendo uma estratégia para descredibilizar previamente qualquer tipo de reclamação das partes afetadas, sendo apresentadas como “apenas uma piada” (Chagas, 2023), esse elemento de zombaria e distanciamento propicia a banalização dos discursos violentos veiculados, os tornando mais palatáveis para públicos mais amplos. Ademais, os elementos estéticos presentes na construção, como o uso deliberado de palavras escritas em discordância com a norma padrão, e a adoção de um personagem conhecido no contexto nacional, são elementos que propiciam a disseminação desse conteúdo, mediante a assimilação de elementos da cultura popular brasileira.

## Conclusões

166

Ao longo do artigo buscamos identificar a existência de discursos de ódio contra pessoas ou grupos/minorias, mapear o léxico dos insultos e identificar os grupos/minorias aos quais os discursos de ódio são endereçados. Isso nos permitiu identificar os temas debatidos/compartilhados com conteúdo nocivo a uma pessoa ou grupo/minorias; o teor dos discursos de ódio e suas principais vítimas.

Como outras plataformas de mídia social, o Telegram também enfrenta desafios no que diz respeito à mediação e controle da propagação de conteúdo de ódio e discriminação disseminado por seus usuários em canais e grupos, a exemplo da veiculação de conteúdos abertamente racistas e misóginos. Neste sentido, consideramos as plataformas de mídias sociais como atores ativos na articulação e reprodução do racismo sistêmico.

O discurso de ódio propagado pelo chamado “humor negro” tem encontrado um terreno fértil para sua expressão na política do Telegram, que defende veementemente a liberdade de expressão de seus usuários. Essa defesa parece não chocar com o seu “Termo de Uso<sup>16</sup>” que proíbe a promoção da

<sup>16</sup> Disponível em: <https://telegram.org/tos/br> acessado em 10 abril 2024.

violência em canais públicos, a publicação de material pornográfico ilegal e o uso da plataforma para atividades ilegais como terrorismo, abuso infantil ou golpes. Apesar de haver uma política frágil de impedimento de funcionamento desses tipos de grupos<sup>17</sup>, a segurança para a sua expressão ainda é encontrada dentro da plataforma e nesse sentido é notável a presença de diversos conteúdos violentos que circulam por meio de grupos e canais nessa rede social.

Além da falta de efetividade das políticas de moderação ou restrição do Telegram, identificamos o trinômio da segurança para esse tipo de comportamento: autorreforço grupal, privacidade e anonimato. A ausência de julgamento moral dentro desses grupos, onde os participantes se sentem livres e seguros junto aos seus pares para expressar suas ideias sem medo de repercussões é um fator importante que contribui para a disseminação do discurso de ódio no Telegram. Além disso, a segurança do mundo privado (privacidade) proporciona um ambiente propício para a troca de material e ideias controversas, sem a interferência de terceiros.

Outro aspecto que favorece a propagação do discurso de ódio é a segurança do anonimato que os grupos oferecem aos seus membros. O fato de poderem se esconder atrás de um perfil anônimo encoraja indivíduos a expressarem opiniões extremistas e preconceituosas sem medo de serem identificados ou responsabilizados pela disseminação da violência através do discurso de ódio. Vemos transbordar ataques às mulheres, aos judeus e aos negros no geral, às pessoas LGBTQIAPN+, nordestinos, imigrantes etc.

Demonstramos as manifestações desses discursos discriminatórios e violentos por meio da disseminação dos memes. Os memes foram apropriados pela extrema direita internacional como instrumento para a propaganda política. A ambiguidade propiciada por essa forma de comunicação possibilita o compartilhamento de discursos racistas, misóginos e antissemitas com o emprego do humor e da sátira, que torna o conteúdo de ódio palatável para audiências maiores.

<sup>17</sup> Para ilustrar a informação, apesar de todos os grupos disseminarem conteúdo que expressamente violam a dignidade humana, promovendo a violência em termos de racismo, misoginia e antissemitismo, todos os grupos seguiram em funcionamento. Apenas 03 dos grupos monitorados por nós para fins deste artigo receberam notificação do Telegram com a seguinte informação “Este canal não pode ser exibido porque violou os Termos de Serviço do Telegram”/ “Este canal não pode ser exibido porque violou os Termos de Serviço do Telegram”. -1001066225827 - 1ª e 2ª GUERRA MUNDIAL (102 notificações), -1001377399257 - grupo Ação Falangista Brasileira (05 notificações), -1001304266091 - Politicamente Incorreto ( /pol/ terceira posição antijudaísmo nazismo fascismo nacionalismo) (04 notificações) sem que fossem tirado ao ar.



No caso brasileiro, apresentamos a apropriação do meme do Dollynho pela extrema direita nacional, de forma estratégica para reverberar esse tipo de conteúdo, seguindo o mesmo *modus operandi* da *Alt-Right* estadunidense, com a apropriação do personagem *Pepe the Frog* (May; Feldman, 2019; Tutters, 2019).

As redes sociais têm sido esse palco propício para a incitação ao preconceito, discriminação ou intolerância motivada por gênero, raça, cor, religião, nacionalidade, orientação sexual ou deficiência física e mental. Assim, o discurso de ódio impacta negativamente na proteção à dignidade humana dos alvos da violência, bem como fragiliza sociedades que se pensam democráticas e livres. Diante desse panorama, é imprescindível avançar na implementação de mecanismos democráticos de controle e segurança direcionados às plataformas de mídias. A internet não pode ser um território dominado pela lei do mais forte. Dada a natureza ubíqua que nos cerca em nossas vidas cotidianas, é essencial que haja um entendimento comum por parte da sociedade civil e entre os representantes políticos de que as ações e interações online não se limitam ao ambiente virtual, mas transbordam em consequências offline.

## Referências

BARRATT, Monica J; MADDOX, Alexia. Active engagement with stigmatised communities through digital ethnography. *Qualitative Research*, [s. l.], v. 16, n. 6, p. 701–719, 2016. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1468794116648766>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. [S. l.]: Zahar, 1983.

BOGERTS, Lisa; FIELITZ, Maik. “Do You Want Meme War?” Understanding the Visual Memes of the German Far Right. *In: POST-DIGITAL CULTURES OF THE FAR RIGHT*. Bielefeld, Germany: transcript Verlag, 2018. p. 137–154.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. *Direito Público*, [s. l.], v. 4, n. 15, 2007. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>. Acesso em: 30 abr. 2024.

CESARINO, Leticia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, [s. l.], p. 91–120, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/42077568/Como\\_vencer\\_uma\\_elei%C3%A7%C3%A3o\\_sem\\_sair\\_de\\_casa\\_a\\_ascens%C3%A3o\\_do\\_populismo\\_digital\\_no\\_Brasil\\_Internet\\_and\\_Sociedade\\_2020\\_](https://www.academia.edu/42077568/Como_vencer_uma_elei%C3%A7%C3%A3o_sem_sair_de_casa_a_ascens%C3%A3o_do_populismo_digital_no_Brasil_Internet_and_Sociedade_2020_). Acesso em: 10 out. 2021.

CESARINO, Leticia. O mundo do avesso: Verdade e política na era digital. 1ª edição. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2022.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, [s. l.], n. 95, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/119>. Acesso em: 28 abr. 2024.

CHAGAS, Viktor. *DOLCE FARMEME*: a retórica da brincadeira política. Revista Brasileira de Ciências Sociais, [s. l.], v. 38, p. e3811008, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/9DZjs4wXHPByRwsTgCpgFyf/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

CHARMAZ, Kathy. A construção da teoria fundamentada: Guia Prático para Análise Qualitativa. [S. l.]: Bookman Editora, 2009.

COLIVER, Sandra *et al.* (org.). Striking a balance: hate speech, freedom of expression, and non-discrimination. London: Article 19, International Centre Against Censorship, Human Rights Centre, University of Essex, 1992.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo, SP: Boitempo, 2021.

DAWKINS, Richard. The selfish gene. 30th anniversary eded. Oxford: Oxford university press, 2006.

DOSSIÊ DA INTOLERÂNCIA. Intolerância nas redes. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/intolerancia-nas-redes/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. Lisboa: Edições 70, 2014.

FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. Salvador, BA: Edufba, 2008.

FERGUSON, Rachael-Heath. Offline ‘stranger’ and online lurker: methods for an ethnography of illicit transactions on the darknet. Qualitative Research, [s. l.], v. 17, n. 6, p. 683–698, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468794117718894>. Acesso em: 20 set. 2022.

FONSECA, Paulo F. C.; RIBEIRO, Barbara E.; NASCIMENTO, Leonardo F. Demarcating Patriotic Science on Digital Platforms: Covid-19, Chloroquine and the Institutionalisation of Ignorance in Brazil. Science as Culture, [s. l.], v. 31, n. 4, p. 530–554, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09505431.2022.2105691>. Acesso em: 8 dez. 2023.

GAY, Peter. O cultivo do ódio. [S. l.]: Companhia das Letras, 1995.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. [s. l.], 1984. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2298>. Acesso em: 30 abr. 2024.

GORDON, Lewis. Prefácio. In.: Peles Negras, Máscaras Brancas. Fanon, Frantz. Salvador: EDUFBA, 2008.

HARMER, Emily; LUMSDEN, Karen. Online Othering: An Introduction. *In*: LUMSDEN, Karen; HARMER, Emily (org.). *Online Othering*. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 1–33. Disponível em: [https://link.springer.com/10.1007/978-3-030-12633-9\\_1](https://link.springer.com/10.1007/978-3-030-12633-9_1). Acesso em: 30 abr. 2024.

JENKINS, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.

KELMAN, Herbert C.; HAMILTON, Virginia L. *Crimes of obedience: toward a social psychology of authority and responsibility*. New Haven: Yale Univ. Pr, 1989.

KUIPERS, Giseline. Media culture and Internet disaster jokes: bin Laden and the attack on the World Trade Center. *European Journal of Cultural Studies*, [s. l.], v. 5, n. 4, p. 450–470, 2002. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1364942002005004296>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MARECHAL, Nathalie. From Russia With Crypto: A Political History of Telegram. *In*: 8TH USENIX WORKSHOP ON FREE AND OPEN COMMUNICATIONS ON THE INTERNET (FOCI 18), 2018. Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.usenix.org/conference/foci18/presentation/marechal>. Acesso em: 8 dez. 2023.

MATAMOROS-FERNÁNDEZ, Ariadna. “El Negro de WhatsApp” meme, digital blackface, and racism on social media. *First Monday*, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/10420>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MAY, Rob; FELDMAN, Matthew. Understanding the Alt-Right: Ideologues, “Lulz” and Hiding in Plain Sight. *In*: FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick (org.). *Post-Digital Cultures of the Far Right*. 1. ed. Bielefeld, Germany: transcript Verlag, 2019. (Edition Politik). v. 71, p. 25–36.

MILLER-IDRISS, Cynthia. What Makes a Symbol Far Right? Co-opted and Missed Meanings in Far-Right Iconography. *In*: WHAT MAKES A SYMBOL FAR RIGHT? CO-OPTED AND MISSED MEANINGS IN FAR-RIGHT ICONOGRAPHY. [S. l.]: transcript Verlag, 2018. p. 123–136. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783839446706-009/html>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MOREIRA, Adilson José. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro : Pólen, 2019. (Feminismos plurais / coordenação, Djamila Ribeiro).

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes *et al.* Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. *Fronteiras - estudos midiáticos*, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 190–206, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22620>. Acesso em: 7 mar. 2024.

NASCIMENTO, Leonardo F. *et al.* Públicos refratados: grupos de extrema direita brasileiros na plataforma Telegram. [s. l.], v. 3, n. internet&sociedade, 2022. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/publicos-refratados-grupos-de-extrema-direita-brasileiros-na-plataforma-telegram/>.

NASCIMENTO, Leonardo; CESARINO, Letícia; FONSECA, Paulo. ‘Quando se está morrendo afogado, até jacaré é tronco para se agarrar’: cloroquina e médicos em grupos de direita do Telegram. *Series Lavits Covid-19*, [s. l.], v. 22, 2020. Disponível em: <https://scholar.google.com/scholar?cluster=8374614825917597170&hl=en&oi=scholar>. Acesso em: 8 dez. 2023.

PAIXÃO, Marcelo. *A lenda da modernidade encantada: por uma crítica ao pensamento social brasileiro sobre relações raciais e projeto de estado-nação*. [S. l.]: Editora Crv, 2020.

PAIXÃO, Marcelo. Antropofagia e racismo: uma crítica ao modelo brasileiro de relações raciais. *In*: RAMOS, Silvia; MUSUMECI, Leonarda (org.). *Elemento suspeito: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (Coleção segurança e cidadania). p. 283–322.

PHILLIPS, Whitney. It Wasn’t Just the Trolls: Early Internet Culture, “Fun,” and the Fires of Exclusionary Laughter. *Social Media + Society*, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 2056305119849493, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2056305119849493>. Acesso em: 12 mar. 2024.

POWELL, Chris; PATON, George E. C. *Humour in Society: Resistance and Control*. [S. l.]: Macmillan, 1988.

RIOS, Flavia Mateus. *Elite política negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado*. 2014. text - Universidade de São Paulo, [s. l.], 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-04022015-124000/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ROCHA, Luciane de Oliveira. *Outraged mothering: black women, racial violence, and the power of emotions in Rio de Janeiro’s African Diaspora*. 2014. Doctoral - The University of Texas at Austin, Austin, Texas, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2152/25886>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ROSS, Andrew S.; RIVERS, Damian J. Digital cultures of political participation: Internet memes and the discursive delegitimization of the 2016 U.S Presidential candidates. *Discourse, Context & Media*, [s. l.], v. 16, p. 1–11, 2017. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2211695816301684>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SADIQUE, Kim; TANGEN, James; PEROWNE, Anna. The importance of narrative in responding to hate incidents following ‘trigger’ events. [S. l.]: Tell MAMA, 2018.

SARMENTO, Daniel. A liberdade de expressão e o problema do “hate speech”. *In*: [S. l.]: Lumen Juris, 2006. Disponível em: <https://bdjur2.stj.jus.br/jspui/handle/123456789/5250>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SCOTT, James C. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. [S. l.]: Yale University Press, 2008.

SHIFMAN, Limor. Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 362–377, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jcc4.12013>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SILVA, UVANDERSON Vitor da. Cidadania em negro e branco: racialização e (luta contra a) violência de Estado no Brasil. 2017. Tese de doutorado - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Rosane Leal da *et al.* Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. *Revista Direito GV*, [s. l.], v. 7, p. 445–468, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/QTnjBBhqY3r9m3Q4SqRnRwM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2024.

STROSSEN, Nadine. Hate: why we should resist it with free speech, not censorship. First issued as an Oxford University Press paperbacked. New York, NY, United States of America: Oxford University Press, 2020. (Inalienable rights).

TOPINKA, Robert J. Politically incorrect participatory media: Racist nationalism on r/ImGoingToHellForThis. *New Media & Society*, [s. l.], v. 20, n. 5, p. 2050–2069, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444817712516>. Acesso em: 22 mar. 2024.

TOPINKA, Robert; FINLAYSON, Alan; OSBORNE-CAREY, Cassian. The trap of tracking: Digital methods, surveillance, and the far right. *Surveillance & Society*, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 384–388, 2021.

TRINDADE, Luiz Valério P. Discurso de ódio nas redes sociais. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2022. (Feminismos plurais).

TUTERS, M. LARPing & Liberal Tears: Irony, Belief and Idiocy in the Deep Vernacular Web. *In: FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick (org.)*. Post-Digital Cultures of the Far Right. 1. ed. Bielefeld, Germany: transcript Verlag, 2019. (Edition Politik). v. 71, p. 37–48. Disponível em: <https://dare.uva.nl/search?identifier=bcf4e3cf-1542-430b-ba9d-edfcb9503a1d>. Acesso em: 14 abr. 2024.

VALENTE, Mariana Giorgetti. Misoginia na internet: uma década de disputas por direitos. São Paulo, SP, Brasil: Fósforo, 2023.

VALENTE, Mariana Giorgetti Valente *et et al.* O Corpo é o Código: estratégias jurídicas de enfrentamento ao revenge porn no Brasil. [S. l.]: InternetLab, 2016.

VARGAS, João Costa; AMPARO ALVES, Jaime. Geographies of death: an intersectional analysis of police lethality and the racialized regimes of citizenship in São Paulo. *Ethnic and Racial Studies*, [s. l.], v. 33, n. 4, p. 611–636, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01419870903325636>. Acesso em: 30 abr. 2024.

VELHO, Eduardo; MONTARDO, Sandra Portella. A manifestação da masculinidade tóxica em um fórum de internet anônimo brasileiro. *Fronteiras*

- estudos midiáticos, [s. l.], v. 24, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/23941>. Acesso em: 14 abr. 2024.

WEDDERBURN, Rosana Silva Moore. Genocídio no Brasil? uma análise dos debates da Comissão Parlamentar de Inquérito Violência Contra Jovens Negros e Pobres da Câmara de Deputados. 2019. Tese de doutorado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/18060>. Acesso em: 30 abr. 2024.

WIGGINS, Bradley E; BOWERS, G Bret. Memes as genre: A structural analysis of the memescape. *New Media & Society*, [s. l.], v. 17, n. 11, p. 1886–1906, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444814535194>. Acesso em: 29 abr. 2024.

YU, Yang; NOONARK, Chanapa; CHUNG, Donghwa. Do YouTubers Hate Asians?: An Analysis of YouTube Users’ Anti-Asian Hatred on Major U.S. News Channels during the COVID-19 Pandemic. *Global Media Journal - German Edition*, [s. l.], v. 11, p. n. 1, 2021. Disponível em: [https://www.db-thueringen.de/receive/dbt\\_mods\\_00049166](https://www.db-thueringen.de/receive/dbt_mods_00049166). Acesso em: 30 abr. 2024